

---

# Caçando megafauna? Considerações sobre uma pintura rupestre de Lajedão do Riacho Largo, Central (BA), Brasil

CHAHUD, Artur<sup>1</sup>; COSTA, Paulo Ricardo de Oliveira<sup>2</sup>; OKUMURA, Mercedes<sup>3</sup>

1. Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos (LEEH), Departamento de Genética e Biologia Evolutiva. Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo. Rua do Matão 277, São Paulo, SP 05508-090, Brasil. E-mail: arturchahud@yahoo.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7690-3132>

2. Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos (LEEH), Departamento de Genética e Biologia Evolutiva. Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo. Rua do Matão 277, São Paulo, SP 05508-090, Brasil. E-mail: paulo.rocta@gmail.com

3. Laboratório de Estudos Evolutivos Humanos (LEEH), Departamento de Genética e Biologia Evolutiva. Instituto de Biociências, Universidade de São Paulo. Rua do Matão 277, São Paulo, SP 05508-090, Brasil. E-mail: okumura@ib.usp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1894-6430>

---

## Resumo

Pinturas rupestres na região Nordeste do Brasil retratam diversas espécies da fauna local. Uma pintura descrita na localidade de Lajedão do Riacho Largo, no município de Central, no Estado da Bahia foi identificada em meados dos anos de 1980 como representando a caça de um *Toxodon*, animal extinto de grande porte que habitou a América do Sul. Desde então, essa identificação tem sido criticada por diversos pesquisadores. Nós propomos uma nova identificação do animal retratado, como uma fêmea adulta de um grande cervo, possivelmente Cervo do Pantanal, *Blastocerus dichotomus*. A presença deste cervo, atualmente extinto na região, representaria a ocorrência mais oriental desta espécie no território brasileiro durante a pré-história.

Palavras-chave: Cervidae, Mamíferos, Nordeste brasileiro, Pleistoceno, Holoceno

## Abstract

Rock paintings in the Northeast of Brazil depict several species of the local fauna. A painting described in the region of Lajedão do Riacho Largo, in the municipality of Central in the State of Bahia was identified in the mid-1980s as the hunting of a *Toxodon*, a large extinct animal that inhabited South America. Since then, such identification has been criticized by several researchers. We propose a new identification of the portrayed animal as an adult female of a large deer, possibly the Pantanal Deer, *Blastocerus dichotomus*. The presence of such deer, currently extinct in the region, would represent the most eastern occurrence of this species in the Brazilian territory.

Keywords: Cervidae, Mammals, Northeast Brazil, Pleistocene, Holocene

---

*Palaeoindian Archaeology* (2020) vol. 2, nr. 1: 43-58

Published by Kvasir Publishing  
ISSN: 2500-980X. URL: <http://kvasirpublishing.com/journals/pa/>

This work is licensed under a Creative Commons Attribution 2.5: General License.



## 1. Introdução

### 1.1. Uma breve revisão sobre pesquisas de registros rupestres pré-históricos

O que comumente pesquisadores se referem como “arte rupestre” inclui grafismos que podem ser mobiliários ou fixos em suportes naturais (Conkey 2001). A esses últimos, pode-se dar o nome de rupestre, referindo-se ao rochedo ou suporte fixo em rocha no qual o grafismo se encontra.

Apesar do termo “arte” ser consagrado na literatura arqueológica, ao tratarmos tais evidências como arte, podemos ignorar inadvertidamente aspectos sociais, econômicos e simbólicos, os quais sabemos estar implicados nessas imagens (Conkey 2001). Assim sendo, há sugestões para o uso do termo “registro rupestre”, ao invés de “arte rupestre” (Martin 1993).

Historicamente, o estudo dessas imagens se inicia em meados do século 19, com Lartet & Christy (1864) e Piette (1907), que consideraram essas manifestações como arte pela arte, ou seja, imagens feitas apenas para o deleite estético dos grupos pré-históricos. Na primeira metade do século 20, muitos pesquisadores propuseram ideias relacionadas à magia ou religião (Reinach 1903; Durkheim 1912; Begouen 1929). Por exemplo, Breuil & Windels (1952) propuseram a hipótese dessas imagens serem magia simpática de caça e fertilidade, ou seja, um meio de controle da caça e da reprodução desses animais. Nos anos de 1960, o Estruturalismo propõe que os registros rupestres seriam muito mais relacionados à linguagem do que à arte em si, com os trabalhos de Laming-Emperaire (1962) e Leroi-Gourhan (1992), que associavam princípios opostos de caráter sexual dessas imagens. O conceito de registro rupestre como meio de comunicação é algo já proposto nessa mesma época por Ucko & Rosenfeld (1967), mas que passa a ganhar força posteriormente (Pessis 1984; Deregowski 1995), com interpretações que privilegiam a contextualização gráfica e que consideram as imagens como meio expressivo e comunicativo.

No Brasil, a presença de registros rupestres foi documentada desde o século 16, com a cópia de gravuras rupestres no Rio Araçagi (Paraíba) pelo Capitão-mor Feliciano Coelho de Carvalho (Confraria do IAGP 1883). Posteriormente, com a abertura dos portos em 1808, diversos naturalistas e pesquisadores, como Debret em Japurá e Lund em Lagoa Santa, registram essas imagens (Hetzl & Negreiros 2007). O estudo dos registros rupestres no Brasil começa a tornar-se sistemático e profissional a partir dos anos de 1960 e 1970, respectivamente, graças aos trabalhos do Pronapa e da Missão Franco-brasileira (Gaspar 2003). O Pronapa visava fornecer um quadro geral das culturas arqueológicas brasileiras através da aplicação do conceito de tradição e fase. Apesar das críticas subsequentes a esse esquema classificatório, até hoje ainda são usados alguns termos criados pelo Pronapa para descrever registros rupestres no Brasil. As Missões Franco-brasileiras, atuando em Minas Gerais e no Piauí, visavam determinar fatores estilísticos e crono-geográficos dessas imagens ou conjuntos de imagens, caracterizar temas e composições e interpretar tais temas através de iconografia e mitologias indígenas (Laming-Emperaire *et al.* 1974). Dada a abundância de

registros rupestres no nordeste brasileiro, inúmeros pesquisadores contribuíram com sua identificação e interpretação (Guidon 1983; 1991; Pessis 2003; Martin 2008).

O tema da interpretação dessas imagens sempre foi caro aos pesquisadores de registros rupestres. A maioria dos pesquisadores apoia que a relação entre essas imagens e o restante do registro arqueológico é necessária e que discussões sobre esse registro rupestre, sem contexto arqueológico, não devem ser feitas (Martin 1993). Leroi-Gourhan (1983:84), ao estudar a arte paleolítica europeia e Seda (1997), ao discutir a arte rupestre do Brasil, defenderam a compreensão dessas imagens em seus próprios termos e que o uso de analogias etnográficas deve ser feito com bastante precaução. No entanto, alguns pesquisadores se lançaram a fazer interpretações baseadas em analogias etnográficas e na premissa de que determinada região poderia ser considerada como parte de um sistema de representações imagéticas compartilhada por grupos pré-históricos e contemporâneos (Guidón 1975; Faria & Beltrão 2002; Morales Jr. 2002).

Esse tema da analogia etnográfica necessariamente implica em um conhecimento acerca de cronologia dessas representações rupestres, uma vez que a maioria dos pesquisadores admite que tais analogias somente pudessem ser feitas se houver algum tipo de continuidade temporal entre os grupos comparados. Assim, a datação relativa e indireta desses registros tem sido comumente usada, através da iconografia, que inclui a identificação de determinados *taxa* (animal ou vegetal), artefatos ou estilos. Por exemplo, no norte de Minas Gerais e no sudoeste da Bahia, representações de vegetais cultivados são consideradas como sendo datadas entre quatro e dois mil anos, como é o caso de um milho representado na Lapa dos Desenhos em Minas Gerais (Prous 1991: 531). Outro exemplo seria o desenho de um machado semilunar na Gruta do Caetano, também em Minas Gerais (Prous 1991: 535). Outros modos de se tentar estabelecer uma cronologia para esses registros rupestres seria a datação de sedimentos que recobrem as paredes com imagens (o que seria uma data mínima desses registros), assim como a datação de traços de pigmento no sedimento ou de pedaços das paredes pintadas no sedimento (Silva & Prous 1992; Roosevelt *et al.* 1996). Datações diretas podem ser feitas através de datação por C14 de acreções, de inclusões nas acreções ou por OSL. De modo geral, essas datações apresentam muitos problemas metodológicos e são um desafio para pesquisadores de registros rupestres (para uma revisão sobre tais métodos, veja Bednarik 2002).

Essa datação relativa baseada na identificação de um dado *taxon* é a premissa adotada por pesquisadores que propuseram a identificação de megamastofauna em registros rupestres no Brasil. Dentre esses, pode-se destacar os trabalhos de Beltrão e colegas (Bigarella *et al.* 1984; Beltrão & Locks 1993; Beltrão 1994; 2000), que propõem a identificação de animais extintos em registros rupestres do Nordeste brasileiro, incluindo toxodontes, preguiça-gigante, paleolhama, urso, cavalos e mastodontes. Embora exista evidência baseada em datações radiocarbônicas de que humanos e megafauna tenham sido coevos, a identificação de megafauna no âmbito do repertório de imagens rupestres no Brasil tem sido questionada por pesquisadores.

A seguir, apresentaremos um registro rupestre que foi interpretado como sendo evidência da interação de humanos e fauna extinta pleistocênica e nossa proposta de interpretação dessa cena.

## 1.2. A cena da caça de Lajedão do Riacho Largo

A Região do município de Central, Estado da Bahia possui muitos sítios arqueológicos, com inúmeros registros rupestres que retratam, entre vários elementos, diversos animais vertebrados, frequentemente associados a figuras antropomorfas (Bigarella *et al.* 1984).

Entre as diversas imagens registradas, existe uma encontrada na localidade de Lajedão do Riacho Largo, a 18km sudoeste da sede do município de Central, distante a 5,5km da localidade conhecida como Fazenda Vereda e a 2,5km da Fazenda Riacho Largo, situada junto ao Riacho Baixão do Gabriel (Rabello 1997). Nesse local, verificou-se a presença de uma pintura de coloração avermelhada que foi descrita por Bigarella *et al.* (1984) como a caça de um animal de grande porte por caçadores com braços erguidos, utilizando armas e fazendo gestos de confrontação (Rabello 1997) (Figura 1). Os autores identificam o animal em questão como sendo um toxodonte (vide também Beltrão, 1990; Beltrão & Locks, 1990).

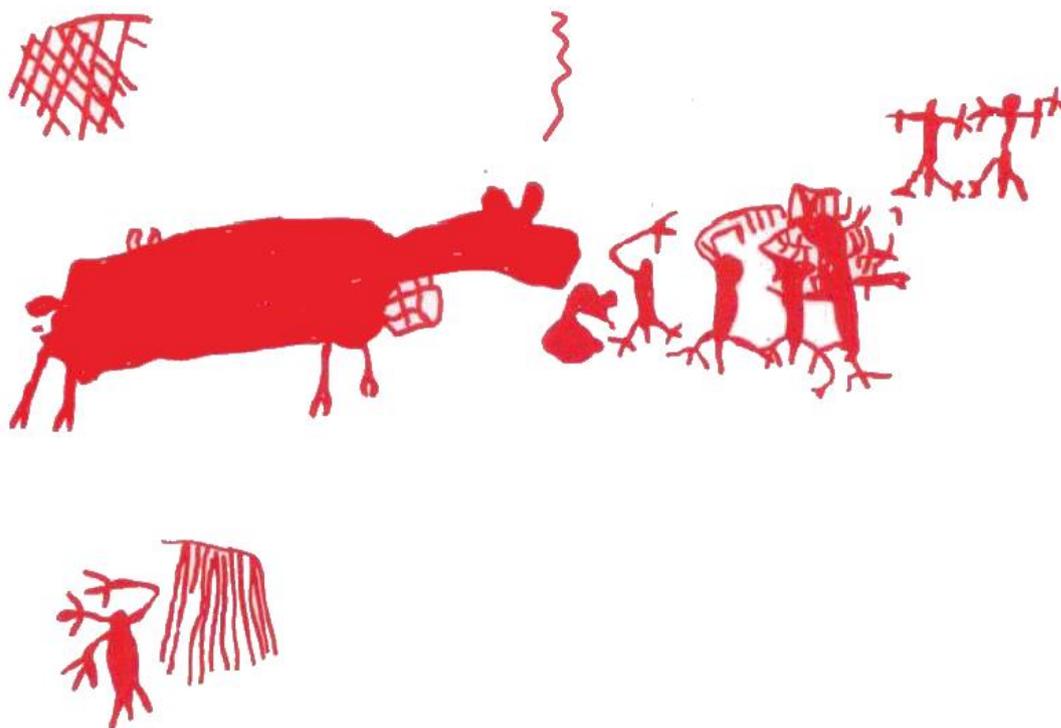


Figura 1. Representação da cena pintada no Lajedão do Riacho Largo, Central, BA. Fonte: Rabello (1997: 133). Cortesia da autora, sem escala no original.

A fauna do Nordeste no limite Pleistoceno-Holoceno era muito variada e poderia mudar em uma curta distância, variando de ambientes de floresta até ambientes de áreas abertas com vegetação típica do cerrado. A temperatura média da região era muito mais baixa do que a atual e a umidade era mais elevada, o que pode indicar uma maior ocorrência de corpos d'água ao longo do ano (Cartelle 1999; Guérin & Faure 2008; Valli 2018). Esse

mosaico de microrregiões possibilitou que a região fosse ocupada por uma megafauna com alta biodiversidade como: Megalonychidae, Megatheriidae, Mylodontidae, Dasypodidae, Glyptodontoidea, Macrauchiidae, Toxodontidae, Gomphotheriidae, Ursidae, Camelidae, Equidae, Felidae, Cervidae (Cartelle & Lessa 1988; Cartelle *et al.* 1989; Cartelle 1992; 1994; 1999; Dantas & Tasso 2007; Dias Neto *et al.* 2008; Guérin & Faure 2008; 2009; 2013; Ribeiro e Carvalho 2009; Lobo *et al.* 2017; Valli 2018).

Os Toxodontidae são mamíferos ungulados extintos que habitaram a América do Sul no Pleistoceno e início do Holoceno. Restos ósseos e dentários de toxodontes ocorrem no Nordeste e na parte Sul e Sudeste do Brasil (Vidal 1959; Paula Couto 1979; Chahud 2001; 2005; Neves *et al.* 2007; Guérin & Faure 2013; Hubbe *et al.* 2013; Silva, 2019).

À época que Bigarella *et al.* (1984) identificaram a pintura rupestre não havia datações realizadas em *Toxodon* descobertos no Brasil e a ocorrência dessa espécie durante o Holoceno no território brasileiro ainda era motivo de discussão. Baffa *et al.* (2000) publicaram idades próximas de seis mil anos para um dente de *Toxodon* encontrado no Abismo Ponta de Flecha no Vale do Ribeira de Iguape em São Paulo, datado a partir da técnica de ESR (*electron spin resonance*). No entanto, tal datação foi revista utilizando a técnica de AMS (*accelerator mass spectrometry*) e foram obtidas idades entre 13,8-11 mil (Neves *et al.* 2007). Essa amplitude de idade também foi observada em outro espécime do Vale do Ribeira de Iguape no qual foi utilizada a mesma técnica de datação (Hubbe *et al.* 2013). Essas idades obtidas colocam o *Toxodon* como uma espécie contemporânea a grupos humanos no território brasileiro durante parte dessa ocupação humana pretérita (Neves & Piló 2003).

O espécime de *Toxodon* datado por Baffa *et al.* (2000) e Neves *et al.* (2007) foi estudado por Barros Barreto *et al.* (1982), que registraram marcas de corte, porém os autores não esclareceram se essas marcas foram feitas imediatamente após a morte do espécime ou se foram feitas muito tempo depois. Assim sendo, por hora, o espécime ilustrado nesta pintura rupestre seria a única evidência sólida da interação entre *Toxodon* e grupos humanos no passado.

O objetivo deste trabalho é a realização de críticas acerca da identificação proposta por Bigarella *et al.* (1984) e a proposição de uma nova interpretação sobre essa representação.

## 2. Caracterização anatômica de *Toxodon*

Os toxodontes do Quaternário apresentavam características semelhantes às dos atuais grandes mamíferos ungulados rinocerontes ou hipopótamos, e apresentavam massa corporal de aproximadamente 1790kg (Paula Couto 1953; 1979; Elissamburu 2007; 2012; Santos 2012; Guérin & Faure 2013).

O crânio dessas criaturas era robusto e alongado na parte frontal, possuindo um arco zigomático largo, o que sugere grande massa muscular destinada para a mastigação. A mandíbula possuía a região angular extremamente desenvolvida e desviada lateralmente em relação ao plano sagital (Santos 2012).

Os *Toxodon* apresentavam um pescoço curto e a anatomia das primeiras vértebras torácicas indica que o crânio deveria permanecer abaixado por longos períodos, similar aos modernos rinocerontes africanos e bisões. Estas vértebras, dotadas de longos processos espinhosos conferiam uma grande área de origem muscular para sustentação da cabeça (Elissamburu 2007; Santos 2012).

Os membros anteriores tinham uma musculatura muito desenvolvida, que atuaria principalmente na estabilização da articulação do ombro, do flexor da escápula e também na manutenção da postura. Os membros anteriores eram muito mais curtos que os posteriores, o que poderia estar associado a uma maior estabilidade do corpo. Os membros posteriores indicam a presença de uma grande massa muscular glútea, que favoreceria a flexão do fêmur em relação à cintura pélvica, agindo também como um extensor de quadril e elevando o tronco juntamente com a região troclear medial do fêmur, que agia como uma trava nesta articulação mantendo o membro esticado. Tanto os membros anteriores quanto os posteriores tinham três dedos, sendo digitígrados, muito largos, curtos e robustos (Elissamburu 2007; 2012; Santos 2012).

### **3. Comparação das características observadas na pintura rupestre com a anatomia do *Toxodon***

A interpretação dessa pintura rupestre por Bigarella *et al.* (1984) foi questionada por Faure *et al.* (2010) e Guérin & Faure (2013) quando ressaltaram que não há evidências de que as pinturas rupestres, descritas por Bigarella *et al.* (1984) e Beltrão (2000) ilustrem a megafauna pleistocênica do nordeste brasileiro. Prous (1994; 2012) e Guérin & Faure (2013) ainda comentaram que a imagem descrita seria irreconhecível.

A identificação dessa imagem como *Toxodon* seria anatomicamente improvável, se baseada nos vários aspectos morfológicos discutidos no item anterior. O formato e grande tamanho do crânio, robustez, musculatura dos membros anteriores e morfologia do pescoço praticamente inviabilizam essa proposição. Algumas colocações de Bigarella *et al.* (1984) para a interpretação do espécime como sendo *Toxodon* não são válidas devido à ausência de atributos anatômicos ilustrados na própria figura, como por exemplo, quando cita a posição da órbita ou características anatômicas da mandíbula.

O animal retratado tem corpo alongado, não robusto e o pescoço também é alongado, característica esta justificada por Bigarella *et al.* (1984: 34) como um ato “intencionalmente estilizado para sugerir uma atitude de expectativa do animal ante o ataque”. No entanto, como explicado anteriormente, o pescoço curto e a musculatura do *Toxodon* impediriam que ele pudesse levantar a cabeça em uma posição maior que a de um rinoceronte atual e por isso a situação retratada seria não factível de ser observada.

Outras feições não observadas nos toxodontes e que são observadas na pintura rupestre em questão é a característica didáctica observada na figura. Os membros posteriores e inferiores são demasiadamente finos se comparados a um *Toxodon* e a característica didáctica

dessa figura foi descrita por Beltrão (1994) e Rabello (1997: 131) como “patas e pés de cervídeos”.

Representações de mamíferos com patas didáctilas, tridáctilas ou com mais dígitos são comuns nos registros rupestres e normalmente retratam as características reais dos animais ilustrados (Beltrão & Locks 1993). Em animais grandes, como antas, são destacadas sua robustez, as características das patas e demais características típicas em pinturas rupestres, como observado por Vialou & Vialou (2019). Os autores registraram a pintura de uma anta com patas tridáctilas e sua robustez característica em uma pintura rupestre na região de Santa Elina, no Estado do Mato Grosso.

Considerando as informações aqui discutidas sobre a identificação prévia da supracitada pintura rupestre como *Toxodon*, parece ter sido uma classificação inaccurada e que provavelmente o animal retratado deve ser um Artiodactyla, não sendo improvável que seja alguma espécie da fauna vivente brasileira.

#### **4. Proposta de nova identificação do animal ilustrado**

As principais características do animal retratado na pintura rupestre são os membros finos e a característica didáctila ressaltada na imagem. Outras características notáveis são o corpo e o pescoço alongados e a cabeça arredondada voltada para cima.

A cabeça ligeiramente arredondada ilustrada na pintura aproximaria esse animal de capivaras e de outros roedores de grande porte (cutias e pacas), porém o pescoço e as patas com apenas dois dedos eliminam a possibilidade de ser algum grande roedor.

Os Artiodactyla, são comuns na fauna do Quaternário do Brasil na forma de porcos do mato, cervídeos e das extintas paleolhamas (Paula Couto 1979; Guérin & Faure 2008; Cartelle 2012).

Os porcos do mato sul-americanos (catetos e queixadas) são retratados como animais robustos (Beltrão & Locks 1993), com pescoço curto, corpo atarracado (similar ao de javalis) e um grande crânio voltado para baixo, por isso o espécime ilustrado não poderia ser identificado como um porco do mato.

As paleolhamas, *Palaeolama*, ancestrais das atuais lhamas, vicunhas e guanacos que habitam os Andes viveram no Nordeste do Brasil durante boa parte do final do Pleistoceno (Faure *et al.* 2010). Por ser um mamífero de grande porte, com casco de dedos pares e pescoço alongado o espécime se encaixa em diversas características do animal retratado. No entanto, o corpo alongado e o pescoço menor que o de paleolhamas e outros camélídeos sul-americanos podem levantar algumas dúvidas sobre a associação a esse grupo de animais.

Os cervídeos foram muitas vezes retratados em diversas pinturas rupestres no nordeste brasileiro (Rabello 1997; Beltrão 2000; Faure *et al.* 2010) e tem características claras em todas as representações rupestres, como patas finas didáctilas, pescoço e corpo alongados,

chifres bem definidos e cabeça fina (Beltrão & Locks 1993). O animal retratado no Lajedão do Riacho Largo apenas não possui chifres e a cabeça fina, mas o resto do corpo é quase idêntico ao de um cervo apresentado por Beltrão & Locks (1993).

A ausência de chifres é uma característica das fêmeas de quase todas as espécies de cervídeos, exceto em renas (*Rangifer tarandus*) cujas fêmeas possuem chifres (Melnycky *et al.* 2013) e, por isso, a ausência de chifres na imagem não a exclui necessariamente como representação de algum cervídeo. No entanto, é compreensível que pinturas rupestres de fêmeas de cervos não sejam facilmente identificadas como tal, o que não impede que não tenham sido ilustradas na pré-história.

A família Cervidae, atualmente, possui grande diversidade taxonômica e ambiental na América do Sul e é representada por vários gêneros: *Hippocamelus* Leuckart, 1816, *Blastocerus* Wagner, 1844, *Pudu* Gray, 1852, *Odocoileus* Rafinesque, 1832, *Ozotoceros* Ameghino, 1891 e *Mazama* Rafinesque, 1817, esse último o mais comum com 11 espécies (Duarte 1996; Duarte *et al.* 2008; 2012a; 2012b; Roosmalen 2015). Os gêneros *Hippocamelus* e *Pudu* são exclusivamente andinos e *Odocoileus* ocorre apenas no norte do Brasil (Duarte 1996).

Os gêneros mais comuns no território brasileiro e retratados em pinturas rupestres são *Ozotoceros*, conhecido como Veado Campeiro, *Mazama*, pequenos cervídeos conhecidos como Veado do Mato, Roxo ou Cantigueiro e *Blastocerus*, o Cervo do Pantanal, que é o maior cervídeo vivo do Brasil (Beltrão & Locks 1993). O *Blastocerus* é um animal de grande porte, podendo alcançar até 130kg e 1,3m de altura (Pinder & Grosse 1991; Duarte 1996; Duarte *et al.* 2012a).

No final do Pleistoceno existiu um gênero de cervídeo ainda maior que o Cervo do Pantanal, conhecido como *Morenelaphus* (Rotti *et al.* 2018). Os machos dessa espécie possuíam chifres maiores e mais complexos que os de cervos brasileiros atuais (Rotti *et al.* 2018). Não há evidência de registros rupestres dessa espécie se levarmos em conta a ausência de representações de cervídeos com chifres similares aos de *Morenelaphus*. Essa evidência baseia-se no fato de que, nos registros rupestres, cervídeos machos tiveram os chifres desenhados com um grau de detalhe que muitas vezes permite identificar a espécie, como destacado nas pinturas rupestres exibidas por Beltrão & Locks (1993) para outros cervos.

Restos fossilizados da espécie de cervídeo *Odocoileus virginianus*, Veado Galheiro, foram recuperados na Toca dos Ossos, localizada no município de Ourorândia (BA) e identificados a partir de chifres, elementos dentários e ossos pós-cranianos (Cartelle 2012). Atualmente, essa espécie habita da América do Norte até o extremo norte do Brasil (Duarte *et al.* 2012b), incluindo parte dos estados de Roraima e Amapá. Além desse registroossilífero na Bahia, houve outro no sul do Estado de Tocantins (Buchmann *et al.* 2017), sendo as ocorrências mais ao sul documentadas para esse cervídeo. As características morfológicas deste cervo são similares em proporção (um pouco menor) e formato de chifres com o Cervo do Pantanal, porém a idade dessas ocorrências provavelmente estaria entre final do

Pleistoceno e início do Holoceno, não havendo garantia que habitasse a região do supracitado registro rupestre, uma vez que a maioria das ocorrências são do extremo norte do Brasil.

Comparando a cena da pintura rupestre com a imagem de uma fêmea adulta de um grande cervo, como o Cervo do Pantanal (Figura 2), é possível observar que o pescoço, corpo, cauda e orelhas são muito semelhantes. Ainda, ao considerarmos o pequeno tamanho das formas antropomórficas que acompanham a figura, pode-se postular que o animal retratado seja um Cervo do Pantanal. A única diferença notável seria a cabeça arredondada, que pode ter sido causada pela situação ilustrada na figura 2, na qual um cervo com a boca aberta poderia ser ilustrado dessa forma. Portanto, propomos a hipótese da supracitada pintura representar uma fêmea de um cervídeo de grande porte, provavelmente Cervo do Pantanal.



Figura 2. Fêmea de Cervo do Pantanal (*Blastocerus dichotomus*) em Esteros del Iberá, Argentina (Baldoni 2014). Fonte Leonel Baldoni/Licença CC BY 2.0. Disponível em: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Female\\_Marsh\\_Deer\\_Steros\\_del\\_Ibera.jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Female_Marsh_Deer_Steros_del_Ibera.jpg)

Atualmente, o Cervo do Pantanal está possivelmente extinto nessa região da Bahia (Duarte *et al.* 2012a). Nas regiões do nordeste brasileiro como o município de Central na Bahia e a Serra da Capivara no Piauí, onde foram observadas evidências tanto de putativas pinturas rupestres quanto de restos fósseis dessa espécie (Guérin & Faure 2009; Faure *et al.* 2010), representam as regiões mais orientais e ao nordeste da faixa de ocorrência original (Duarte *et al.* 2012a; 2016).

A presença de espécies de grandes cervos na pré-história, como o *Blastocerus* e *Odocoileus*, demonstram que as condições naquela região à época eram favoráveis à presença

desses animais. Por isso, deve-se chamar a atenção para o valor paleoecológico e paleoambiental desses potenciais registros.

## 5. Conclusões

As características morfológicas conhecidas do *Toxodon* não são compatíveis com a interpretação da pintura rupestre proposta por Bigarella *et al.* (1984). A imagem representa um animal de corpo alongado, provavelmente não muito robusto ou de grande massa e que apresenta membros anteriores e posteriores finos, sendo provavelmente representativo de um *Artiodactyla* (mamífero de casco com dedos pares).

Importante ressaltar que Faure *et al.* (2010) afirmam que nenhum animal extinto da megamastofauna sul-americana foi retratado em pinturas rupestres no Nordeste brasileiro. Em relação à hipótese proposta por Beltrão (2000), sobre a presença de diversos animais extintos (toxodontes, preguiça-gigante, paleolhama, urso, cavalos e mastodontes) sendo representados nos grafismos rupestres do Nordeste brasileiro, Ribeiro & Prous (2008) afirmam que o grau de realismo observado nessas imagens é insuficiente para ser convincente (Prous 1991: 531).

Apenas dois mamíferos teriam características morfológicas similares às do animal ilustrado: paleolhamas e cervídeos. As paleolhamas, atualmente extintas, eram semelhantes às atuais lhamas e aos guanacos e tinham pescoços mais alongados e postura diferente da ilustrada na pintura rupestre.

Cervídeos são os animais mais prováveis de serem associados a essa imagem e, devido ao grande tamanho e à postura ilustrada na pintura, propomos a hipótese de que se trata de uma representação de uma fêmea de um grande cervídeo, como o Cervo do Pantanal.

É importante frisar que, apesar de propormos essa hipótese acerca da possível espécie representada no Lajedão do Riacho Grande, deve-se levar em conta que uma imagem nunca é uma simples representação do real (Seda 1997) e implica numa transmissão de mensagens gráficas entre os grupos pretéritos, cujo conteúdo carece de entendimento antes de precisar sua significação (Colombel & Orloff 1981: 15). Igualmente, os autores chamam a atenção para o fato de que, mais do que interpretações, é necessário “reinsere as figuras num conjunto arqueológico, isto é, na sociedade à qual pertenceram, de reencontrar um laço entre elas” (Colombel & Orloff 1981: 17). Assim sendo, a tentativa de identificação de potenciais *taxa* animais e vegetais no registro rupestre, quando factível, pode ser um primeiro passo rumo a um maior entendimento acerca da relação entre humanos e outros animais em tempos pretéritos.

## Agradecimentos

Agradecemos a Martine Faure pela revisão do artigo. Agradecemos ao apoio financeiro dados aos autores: Bolsa Pós-doutorado Sênior do CNPq (AC: 103934/2020-0), Bolsa Produtividade CNPq (MO: 302163/2017-4) e Auxílio JP Fapesp (MO: 2018/23282-5).

## Referências

- Baffa, O.; Brunetti, A.; Karmann, I. & Dias Neto, C. M. 2000. ESR dating of a toxodon tooth from a Brazilian karstic cave. *Applied Radiation and Isotopes*, 52 (5): 1345-1349. doi:10.1016/s0969-8043(00)00093-2
- Baldoni, L. 2014. A female marsh deer (*Blastocerus dichotomus*) in Esteros del Iberá, Argentina. *Wikimedia Commons*, the free media repository. Creative Commons Attribution 2.0 Generic (CC BY 2.0) <https://www.flickr.com/photos/leonelbaldoni/>
- Barros-Barreto, C. N. G.; De Blasiis, P. A. D.; Dias-Neto, C. M.; Karmann, I.; Lino, C. F. & Robran, E. M. 1982. Abismo Ponta de Flecha: Um projeto arqueológico, paleontológico e geológico no médio Ribeira de Iguape, SP. *Revista de Pré-História*, 3 (4): 195-215.
- Bednarik, R. G. 2002. The dating of rock art: a critique. *Journal of Archaeological Science*, 29 (11): 1213-1233. doi: 10.1006/jasc.2001.0711
- Bégouën, R. 1929. A propos de l'idée de fécondité dans l'iconographie préhistorique. *Bulletin de la Société préhistorique française*, 26 (3): 197-199. doi: 10.3406/bspf.1929.6693
- Beltrão, M. D. C. D. 1994. *Arte rupestre: as Pinturas Rupestres da Chapada Diamantina e o Mundo Mágico Religioso do Homem Pré-histórico Brasileiro*. Odebrecht, Rio de Janeiro: 31 p.
- Beltrão, M. D. C. D. 2000. *Ensaio de Arqueogeologia: uma abordagem transdisciplinar*. ZIT Gráfica e Editora, Rio de Janeiro: 168 p.
- Beltrão, M. D. C. D. & Locks, M. 1993. Rock paintings of mammals at Central, Bahia, Brazil. *Revista Brasileira de Zoologia*, 10 (4): 727-745. doi:10.1590/s0101-81751993000400018
- Bigarella, J. J.; Beltrão, M. D. C. D. & Töth, E. M. R. 1984. Registro de Fauna na Arte Rupestre. *Revista de Arqueologia*, 2(1): 31-37. doi: 10.24885/sab.v2i1.33
- Breuil, H. & Windels, F. 1952. *Quatre cents siècles d'art pariétal: Les cavernes ornées de l'âge du renne*. Centre d'études et de documentation préhistoriques. Montignac.
- Buchmann, R.; Guimarães, M. S.; Cesar, B.; De Almeida, R. D. S.; Pinheiro, R. D. S.; Rotti, A.; Avilla, L. S.; Freitas, J. & De Araújo-Júnior, H. I. 2017. Mamíferos fósseis do Quaternário da Gruta Tacho de Ouro, Tocantins, Norte do Brasil: diversidade, tafonomia e aspectos paleoicnológicos e paleoambientais. *Revista Brasileira de Paleontologia*, 20 (2): 203-218. doi: 10.4072/rbp.2017.2.05
- Cartelle, C. 1992. *Edentata e megamamíferos herbívoros extintos da Toca dos Ossos (Ouro-lândia, BA)*. Tese de doutorado, Curso de Pós-Graduação em Morfologia (UFMG), Belo Horizonte.
- Cartelle, C. 1994. Presença de Lama (Artiodactyla, Camelidae) no Pleistoceno final-Holoceno de Bahia. *Acta Geologica Leopoldensia* 39, 1 (17): 339-410.
- Chahud, A.; Costa, P. R. O. & Okumura, M. 2020. Caçando megafauna? Considerações sobre uma pintura rupestre de Lajedão do Riacho Largo, Central (BA), Brasil. *Palaeoindian Archaeology*, 2 (1): 43-58

- Cartelle, C. 1999. Pleistocene mammals of the cerrado and caatinga of Brazil. Einseberg, J. F. & Redford, K. H. (Eds.) *Mammals of the Neotropics: Ecuador, Peru, Bolívia, Brazil*. Chicago, University of Chicago Press: 27-46.
- Cartelle, C. 2012. *Das grutas à luz: os mamíferos pleistocênicos de Minas Gerais*. Editora Bicho do Mato, Belo Horizonte: 236 p.
- Cartelle, C., & Lessa, G. 1988. Descrição de um novo gênero e espécie de Macraucheniidar (Mamalia, Litopterna) do Pleistoceno do Brasil. *Paula-coutiana*, 3: 3-26.
- Cartelle, C., López de Prado, P., Garzon, B. 1989. Estudo comparativo dos esqueletos da mão e pé de *Pampatherium humboldti* (Lund, 1839) e *Holmesina paulacoutoi* (Cartelle and Bohórquez, 1985): Edentata Pampatheriinae. *Anais XI Congresso Brasileiro de Paleontologia* (Curitiba), 1: 607-14.
- Chahud, A. 2001. Caracterização tafonômica da fauna de vertebrados fósseis (Pleistoceno-Holoceno) do Abismo Ponta de Flecha, Iporanga, SP. *Relatório PIBIC-CNPq*. Instituto de Geociências USP: 37p.
- Chahud, A. 2005. Paleomastozoologia do Abismo Ponta da Flecha, Iporanga, SP. In: *Congresso Latino-Americano de Paleontologia de Vertebrados*, 2, 2005. Resumos, Rio de Janeiro, UFRJ: 76-78 p.
- Colombel, P. & Orloff, N. 1981. Importância e significado da arte rupestre. In: *Pre-historia brasileira, - aspectos da arte parietal*. Belo Horizonte, UFMG. Catálogo da exposição: 27-44 p.
- Confraria do IAGP. 1883. Descrição geral da capitania da Paraíba. *Revista Instituto Arqueológico e Geográfico Pernambucano*. Tomo Quatro, Janeiro e Março de 1883. Recife. Typographia Industrial.
- Conkey, M. W. 2001. Hunting for images, gathering up meanings: art for life in hunting-gathering societies. *Hunter-gatherers: An interdisciplinary perspective*. Cambridge University Press: 267-291 p.
- Da Silva, E. M., da Silva Alves, R., Barreto, A. M. F., Bezerra de Sá, F., Borges Lins, A. C. S. 2006. A megafauna pleistocênica do Estado de Pernambuco. *Estudos Geológicos*, 16 (2): 55-66.
- Dantas, M. A. T., Tasso, M. A. L. 2007. Megafauna do Pleistoceno final de Vitória da Conquista, Bahia: taxonomia e aspectos tafonômicos. *Scientia Plena*, 3 (3): 30-36.
- Deregowski, J. B. 1995. Perception/depiction/perception, and communication: a skeleton key to rock art and its significance. *Rock Art Research: The Journal of the Australian Rock Art Research Association (AURA)* 12 (1): 3.
- Dias-Neto, C. M., Born, P. A., Chahud, A. 2008. Ocorrência de mamíferos extintos do pleistoceno na localidade de Lagoa da Pedra, município de Igaci, Alagoas. *Revista UnG Geociências*. 7: 110–115.
- Chahud, A.; Costa, P. R. O. & Okumura, M. 2020. Caçando megafauna? Considerações sobre uma pintura rupestre de Lajedão do Riacho Largo, Central (BA), Brasil. *Palaeoindian Archaeology*, 2 (1): 43-58

- Duarte, J. M. B. 1996. *Guia de identificação de cervídeos brasileiros*. FUNEP, Jaboticabal: 14 p.
- Duarte, J. M. B.; González, S. & Maldonado, J. E. 2008. The surprising evolutionary history of South American deer. *Molecular Phylogenetics and Evolution*, 49: 17-22. doi: 10.1016/j.ympev.2008.07.009
- Duarte, J. M. B.; Piovezan, U.; dos Santos Zanetti, E.; da Cunha Ramos, H. G.; Tiepolo, L. M.; Vogliotti, A.; Oliveira, M. L.; Rodrigues, L. F. & de Almeida, L. B. 2012a. Avaliação do risco de extinção do cervo-do-Pantanal *Blastocerus dichotomus* Illiger, 1815, no Brasil. *Biodiversidade Brasileira*, (1): 3-14.
- Duarte, J. M. B.; Vogliotti, A.; dos Santos Zanetti, E.; de Oliveira, M. L.; Tiepolo, L. M.; Rodrigues, L. F. & de Almeida, L. B. 2012b. Avaliação do risco de extinção do veado-galheiro *Odocoileus virginianus* Zimmermann, 1780, no Brasil. *Biodiversidade Brasileira*, (1): 15-19.
- Duarte, J. M. B.; Varela, D.; Piovezan, U.; Beccaceci, M. D. & Garcia, J. E. 2016. *Blastocerus dichotomus*. *The IUCN Red List of Threatened Species*: e.T2828A22160916. doi: 10.2305/iucn.uk.2016-1.rlts.t2828a22160916.en
- Durkheim, É. 1912. *Les formes élémentaires de la vie religieuse: le système totémique en Australie* (Vol. 4). Alcan.
- Elissamburu, A. 2007. *Estudio biomecánico del aparato locomotor de ungulados nativos sudamericanos (Notoungulata)*. Tese de Doutorado. Universidad Nacional de La Plata. 413 p. doi: 10.35537/10915/4435
- Elissamburu, A. 2012. Estimación de la masa corporal en géneros del Orden Notoungulata. *Estudios Geológicos*, 68 (1): 91-111. doi: 10.3989/egeol.40336.133
- Faria, F. S. & Beltrão, M. D. C. D. 2002. A Transformação em Animal e a Representação do Felino no Registro Rupestre do Médio São Francisco. *Clio Arqueológica*, 15 (1): 109-130.
- Faure, M.; Guérin, C. & Mourer-Chauviré, C. 2010. L'art rupestre du Parc national Serra da Capivara, Piauí, (Brésil): bestiaire figuré et données paléontologiques. In: *XIV Congresso Internacional de Arte Rupestre IFRAO "Global Rock Art"*, São Raimundo Nonato. 2009, *FUMDHAMENTOS IX*, vol. II: 1-15.
- Gaspar, M. D. 2003. *A arte rupestre no Brasil*. Zahar.
- Guérin, C., & Faure, M. 2008. La biodiversité mammalienne au Pléistocène supérieur-Holocène ancien dans la Région du Parc National Serra da Capivara (SE du Piauí, Brésil). *FUMDHAMENTOS, Revista da Fundação Museu do Homem Americano*, 7: 80-93.
- Guérin, C. & Faure, M. 2009. Les Cervidae (Mammalia, Artiodactyla) du Pléistocène supérieur-Holocène ancien de la région du Parc National Serra da Capivara (Piauí, Brésil). *Geobios*, 42: 169-195.
- Chahud, A.; Costa, P. R. O. & Okumura, M. 2020. Caçando megafauna? Considerações sobre uma pintura rupestre de Lajedão do Riacho Largo, Central (BA), Brasil. *Palaeoindian Archaeology*, 2 (1): 43-58

- Guérin, C. & Faure, M. 2013. Un nouveau Toxodontidae (Mammalia, Notoungulata) du Pléistocène supérieur du Nordeste du Brésil. *Geodiversitas* 35 (1): 155-205. doi: 10.5252/g2013n1a7
- Guidon, N. 1975. *Peintures rupestres de Várzea Grande, Piauí, Brésil (Vol. 3)*. Editions de l'Ecole des Hautes Etudes en Sciences Sociales.
- Guidon N. 1983. *L'art rupestre du Piauí dans le contexte sudaméricain*. Thèse de Doctorat d'Etat, Université Paris-Sorbonne, 4 volumes.
- Guidon N. 1991. *Peintures préhistoriques du Brésil, l'art rupestre du Piauí*, ERC: 109 p.
- Hetzel, B. & Negreiros, S. 2007. *Pré-historia do Brasil*. Manati Produções Editoriais.
- Hubbe, A.; Hubbe, M.; Karmann, I.; Cruz, F. W. & Neves, W. A. 2013. Insights into Holocene megafauna survival and extinction in southeastern Brazil from new AMS 14C dates. *Quaternary Research*, 79 (2): 152-157. doi:10.1016/j.yqres.2012.11.009
- Laming-Emperaire, A. 1962. *La signification de l'art rupestre paléolithique*. A. & J. Picard, Paris.
- Laming-Emperaire, A.; Prous, A.; Vilhena de Moraes, A.; Beltrão, M. D. C. D. 1974. *Grottes et Abris de la région de Lagoa Santa, Minas Gerais, Brésil. Cahiers d'Archéologie d'Amérique du Sud*, 1. Imprimerie National, Paris: 185 p.
- Lartet, E. & Christy, H. 1864. Sur des figures d'animaux gravées ou sculptées et autres produits d'art et d'industrie rapportables aux temps primordiaux de la période humaine. *Revue Archéologique*, 9: 233-267. URL: <http://www.jstor.org/stable/41734377>
- Leroi-Gourhan, A. 1983. *As religiões na pré-história*. Lisboa, Edições 70. Perspectivas do Homem: 17 p.
- Leroi-Gourhan, A. 1992. *L'art pariétal: langage de la préhistoire*. Editions Jérôme, Millon.
- Lobo, L. S., Scherer, C. S., Dantas, M. A. T. 2017. Megafauna do Pleistoceno final de Matina, Bahia, Brasil: sistemática, cronologia e paleoecologia. *Revista Brasileira de Paleontologia*, 18 (2): 325-338.
- Martin, G. 1993. Arte rupestre e registro arqueológico no Nordeste do Brasil. *Clio*, 9: 45-56.
- Martin G. 2008. *Pré-História do Nordeste do Brasil*, 5<sup>o</sup> Edição, Editora Universitária UFPE: 434 p.
- Morales Jr, R. 2002. *The Nordeste tradition: innovation and continuity in Brazilian rock art*. Doctor of Philosophy at Virginia Commonwealth University: 269 p.
- Melnycky, N. A., Weladji, R. B., Holand, Ø., & Nieminen, M., 2013. Scaling of antler size in reindeer (*Rangifer tarandus*): sexual dimorphism and variability in resource allocation, *Journal of Mammalogy*, 94 (6): 1371-1379, <https://doi.org/10.1644/12-MAMM-A-282.1>
- Neves, W.; Hubbe, A. & Karmann, I. 2007. New accelerator mass spectrometry (AMS) ages suggest a revision of the electron spin resonance (ESR) Middle Holocene dates obtained
- Chahud, A.; Costa, P. R. O. & Okumura, M. 2020. Caçando megafauna? Considerações sobre uma pintura rupestre de Lajedão do Riacho Largo, Central (BA), Brasil. *Palaeoindian Archaeology*, 2 (1): 43-58

- for a *Toxodon platensis* (Toxodontidae, Mammalia) from southeast Brazil. *Radiocarbon*, 49 (3): 1411-1412. doi: 10.1017/s003382220004323x
- Neves, W. A. & Piló, L. B. 2003. Solving Lund's dilemma: new AMS dates confirm that humans and megafauna coexisted at Lagoa Santa. *Current Research in the Pleistocene*, 20 (5): 57–60.
- Paula Couto, C. 1953. *Paleontologia Brasileira: Mamíferos*. Biblioteca Científica Brasileira, Rio de Janeiro: 516 p.
- Paula Couto, C. 1979. *Tratado de Paleomastozoologia*. Academia Brasileira de Ciências, Rio de Janeiro: 590 p.
- Pessis, A. M. 1984. Método de interpretação da arte rupestre pré-histórica. *Revista de Arqueologia*, 2 (1): 47-58. doi: 10.24885/sab.v2i1.35
- Pessis A. M. 2003. Imagens da pré-história. Parque nacional Serra da Capivara A&A: 307 p.
- Piette, E. 1907. L'art pendant l'age du renne: album de cent planches. Masson et cie.
- Pinder L. & Grosse A.P. 1991. *Blastocerus dichotomus*. *Mammalian Species*, 380: 1-4.
- Prous, A. 1991. *Arqueologia Brasileira*. Editora Universidade de Brasília.
- Prous A. 1994. L'art rupestre du Brésil. *Bulletin de la Société préhistorique Ariège- Pyrénées*, t. 49: 77-144.
- Rabello, A. M. C. 1997. *Imagens da pré-história: as mãos na pintura rupestre no alto sertão baiano*. Tese de mestrado em Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: 177 p. URL: <http://hdl.handle.net/11422/10133>
- Reinach, S. 1903. L'art et la magie à propos des peintures et des gravures de l'âge du renne. *L'anthropologie*, 14 (3): 257-266.
- Ribeiro, R. C., Carvalho, I. S. 2009. Megafauna do Quaternário tardio de Baixa Grande, Bahia, Brasil. *Anuário do Instituto de Geociências – UFRJ*, 32: 42-50.
- Ribeiro L. & Prous, A. 2008. Rock art research in Brazil: a critical evaluation 2000-2004. In: Bahn, P. & Franklin, N. Strecker. M. (eds). *Rock art studies: News of the World III*. Oxbow Books, Oxford: 294-308
- Roosevelt, A. C.; Da Costa, M. L.; Machado, C. L.; Michab, M.; Mercier, N.; Valladas, H.; Feathers, J.; Barnett, W.; Da Silveira, M. I.; Henderson, A. & Sliva, J. 1996. Paleoindian cave dwellers in the Amazon: the peopling of the Americas. *Science*, 272 (5260): 373-384. doi: 10.1126/science.272.5260.373
- Rotti, A.; Mothé, D.; dos Santos Avilla, L. & Semprebon, G. M. 2018. Diet reconstruction for an extinct deer (Cervidae: Cetartiodactyla) from the Quaternary of South America. *Palaeogeography, Palaeoclimatology, Palaeoecology*, 497: 244-252. doi: 10.1016/j.palaeo.2018.02.026
- Roosmalen, M. G. M. 2015. Hotspot of new megafauna found in the Central Amazon (Brazil): the lower Rio Aripuanã Basin. *Biodiversity Journal*, 6: 219–244.
- Chahud, A.; Costa, P. R. O. & Okumura, M. 2020. Caçando megafauna? Considerações sobre uma pintura rupestre de Lajedão do Riacho Largo, Central (BA), Brasil. *Palaeoindian Archaeology*, 2 (1): 43-58

- Santos, R. M. N. 2012. *Diversidade de toxodontes pleistocênicos (Notoungulata, Toxodontidae): uma nova visão*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo:166 p. doi: 10.11606/t.41.2012.tde-24102012-081820
- Silva, A. K. B. 2019. Toxodontídeos (Mammalia, Notoungulata) pleistocênicos dos Estados de Pernambuco e Piauí, Nordeste do Brasil: aspectos sistemáticos e paleoecológicos. Tese de Doutorado em Geociências. Universidade Federal de Pernambuco, Recife: 133 p.
- Seda, P. 1997. A questão das interpretações em arte rupestre no Brasil. *CLIO-Revista do Curso de Mestrado em História-Série Arqueológica, Recife, UFPE*, (12): n. i.
- Silva, M. C. & Prous, A. 1992. Grafismos rupestres na Lapa Vermelha: um ensaio metodológico. In: *6a. Reunião da SAB. Anais*. Rio de Janeiro. 320-327 p.
- Ucko, P. J. & Rosenfeld, A. 1967. *Palaeolithic Cave Art*. London, Weidenfeld and Nicolson: 256 p.
- Valli, A. M. 2018. Late Pleistocene Deer in the Region of the National Park “Serra da Capivara” (Piauí, Brazil). *Quaternary*, 1 (1): 4. <https://doi.org/10.3390/quat1010004>
- Vialou, A. V. & Vialou, D. 2019. Manifestações simbólicas em Santa Elina, Mato Grosso, Brasil: representações rupestres, objetos e adornos desde o Pleistoceno ao Holoceno recente. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas*, 14 (2): 343-366. doi: 10.1590/1981.81222019000200006
- Vidal, N. 1959. Um *Toxodon* no Pleistoceno de Pernambuco. *Boletim do Museu Nacional*. Rio de Janeiro. 30: 1-17.